

Banco Mundial usa lixo do DF como modelo

A intenção do Banco Mundial de financiar um programa piloto de aproveitamento de lixo urbano em 22 municípios, baseado na experiência testada em três cidades brasileiras inclusive Brasília, é repudiada por boa parte dos sanitaristas. Entre eles, o engenheiro Valter Pedrosa de Amorim, um dos candidatos à presidência do Sindicato dos Engenheiros Sanitaristas do Distrito Federal. Se der certo, o plano do Banco Mundial vai acionar um plano macro que envolve 198 cidades com mais de 50 mil habitantes, e o processamento de 64 mil toneladas de lixo por dia.

A idéia de se criar usinas de tratamento de lixo surgiu em Brasília há mais de dez anos, através da Central de Tratamento do Lixo, e consiste no aproveitamento do lixo processado em lavouras, onde ele é utilizado como adubo. Acontece que o adubo produzido pelo lixo urbano é apenas um condicionador do solo, na opinião de Valter, pelas suas qualidades bem precárias em matéria de nutrientes, além dos custos que são altíssimos. Por isso, o projeto é classificado pelo sanitarista de "brincadeira tecnológica" inviável e "estapafúrdio".

Embora admita ter defendido em meados de 1980 o projeto da Central de Tratamento de Lixo, por não conhecer profundamente o assunto, ele hoje está convicto de que a solução do destino final dos resíduos sólidos urbanos está no aterro sanitário, com exclusão de qualquer outro processo, já que é o mais barato e o mais seguro sanitariamente. Segundo Valter, este processo proporciona também melhor rentabilidade, pela possibilidade de recuperação e mesmo de criação de novas áreas urbanas, onde podem ser implantados parques, jardins e quadras recreativas para uso da comunidade. Como exemplo, ele cita o aterro sanitário do bairro de Láusane paulista, perto do Campo de Maio, em São Paulo, projetado e construído pelo engenheiro Werner Zulauf, em 1974.